

Ao mostrar que "sem a Revolução de Abril a mudança política em Espanha teria sido de outro modo" (383), Cervelló apenas vem comprovar que, pese embora o proverbial desconhecimento mútuo dos dois povos peninsulares, nada do que se passa num deixa de ter reflexos no outro. Aconteceu que em 25 de Abril o vento da mudança soprou no sentido oeste-este, como poderá ter soprado no sentido este-oeste, noutras ocasiões. (A Constituição de Cádiz de 1812 inspirou os liberais portugueses, tal como o absolutismo espanhol foi decisivo no apoio ao Miguelismo).

196

Mas suspeito que dizer isto, não seja ainda dizer tudo...

É muito possível que este "determinismo" não seja senão o aspecto (bem visível na obra em apreço) de um outro não tão visível, mas certamente não menos eficaz, que chamarei de "geo-estratégico-económico". Através dele, e usando novamente a metáfora meteorológica, temo cada vez mais que os ventos que sopram nos dois países da Península, quer no sentido este-oeste, quer no sentido contrário, tenham a sua verdadeira origem fora de qualquer um deles, algures, nessa Europa das Comunidades. Ou, parafraseando Umberto Eco, é muito possível que "a revolução nacional já não se faça, porque tudo é decidido noutra lugar".

Devemos, de qualquer modo, ficar gratos a Josep Sánchez Cervelló, pelas certezas, pelas inquietações e dúvidas que nos trouxe, mas, sobretudo, por convocar os seus compatriotas a pensar connosco, olhos nos olhos, e não de costas voltadas, questões que afinal nos são mais comuns do que pareciam.

Referências Bibliográficas

- Carvalho, Otelo Saraiva de (s.d.), *Alvorada em Abril*. Lisboa, Bertrand.
- Gonçalves, Vasco (1976), *Discursos. Conferências de Imprensa. Entrevistas*. Porto, Inova.
- Louçã, Francisco *et al.* (org.) (1993), *À esquerda do possível. Textos de Combate*. Lisboa, Edições Colibri.

GEORGE, Ritzer (org.), *Metatheorizing*, Newbury Park, Sage, 1992.

Se é verdade que a conflitualidade entre o paradigma marxista e o paradigma estrutural-funcionalista marcou definitivamente o desenvolvimento da Sociologia, também é verdade que, acompanhando o que genericamente se designou por "crise da Sociologia Ocidental" (Gouldner, 1970), se vem assistindo desde o início da década de setenta a uma profunda "reestruturação" da teoria social, tópico sobre o qual tem sido produzida extensa bibliografia (Bernstein, 1976). Entre os muitos factores que contribuíram para este renovar do interesse pela teoria, destacamos três. Em primeiro lugar, o relativo esgotamento dos dois paradigmas dominantes nas ciências sociais, o que contribuiu para a expansão de muitas outras teorias e perspectivas teóricas. Em segundo lugar, o facto de a investigação e análise em teoria sociológica terem tomado de uma forma consciente a própria teoria como objecto de estudo. E, em terceiro lugar, o surgimento e desenvolvimento de novas propostas teóricas caracterizadas por seguirem uma estratégia de teorização de base ecléctica visando a obtenção de sínteses teóricas.

É neste contexto que se vão desenvolvendo as duas mais importantes correntes de investigação sobre a teoria: a Sociologia da Sociologia e a Análise Metateórica (ainda que muitas investigações desenvolvidas nas áreas da Sociologia da Ciência, Sociologia do Conhecimento e História da Sociologia sejam igualmente importantes). O trabalho metateórico em sentido lato tem sido realizado na Sociologia de uma forma implícita ou explícita desde a emergência deste campo disciplinar. Já neste século os trabalhos de Pitirim Sorokin, Talcott Parsons, Robert Merton e Georges Gurwitsch revelavam fortes preocupações neste domínio. Mas também os clássicos desenvolveram trabalho metateórico que teve por objecto o estudo dos seus antecessores intelectuais. Pode salientar-se o caso de Karl Marx que, na sua análise do capitalismo, se envolveu de uma forma sistemática com a obra de Hegel, o estudo dos Jovens Hegelianos, a Economia Política e o Socialismo Utópico. Mais próximo de nós, a Teoria da Acção de Parsons baseada num estudo aprofundado de Alfred Marshall, Vilfredo Pareto, Max Weber e Emile Durkheim, e a fenomenologia de Alfred Schutz, que liga a obra de Weber,

Husserl e Bergson, são bons exemplos de um certo tipo de trabalho metateórico. Recentemente, são de destacar entre outras as investigações teóricas de Jeffrey Alexander, Jürgen Habermas, Anthony Giddens, Pierre Bourdieu, James Coleman e Randall Collins (cf. Ritzer 1992:9).

Nos anos 50, Paul Furfey oferece-nos o primeiro esforço sistemático de definição do trabalho metateórico. Na década de setenta, são de destacar os contributos de Alvin Gouldner que em *The Coming Crisis of Western Sociology* (1970) procurou definir uma sociologia da teoria sociológica e os trabalhos de Robert Friedrichs, *A Sociology of Sociology* (1970) e de Georges Ritzer, *Sociology: A Multiple Paradigm Science* (1975) os quais partindo da obra de Thomas Khun, *The Structure of Scientific Revolutions* (1962) aplicaram o conceito de paradigma à Sociologia.

Não obstante as críticas feitas à análise metateórica por nomes como Jonathan Turner (1985), Randall Collins (1986) e Theda Skocpol (1986), foi-se acentuando, ao longo da década de oitenta, a importância desta perspectiva de investigação. Esta abordagem procura desempenhar um papel central na análise teórica apostando quer na clarificação das teorias sociológicas existentes, quer no desenvolvimento de novas teorias mais integradas e sintéticas (Ritzer 1992a:228). Partilha com os diversos tipos de meta-análise a preocupação em abordar os problemas de tal modo que as próprias estruturas da análise e da discussão sejam relevantes para a constituição desses mesmos problemas. Por vezes torna-se difícil separar a análise metateórica da análise teórica, visto o trabalho de muitos teóricos ser implicitamente metateórico (Ritzer 1992: 9). No entanto, pode dizer-se que “enquanto os teóricos tomam o mundo social como o seu objecto de estudo, os metateóricos optam pelos estudo sistemático da estrutura profunda da teoria sociológica” (Ritzer 1992a: 650).

O livro que agora recenseamos pode ser considerado a justo título como uma obra de referência no domínio da análise metateórica. Trata-se de uma colectânea organizada por G. Ritzer, um dos responsáveis pela emergência desta perspectiva de análise. Compõe-se de nove capítulos, cada um dos quais aborda diferentes dimensões da análise metateórica. Esta diversidade torna-se num dos aspectos interessantes deste livro. Não se descortinando um ponto de partida que possa garantir sem réstea de

dúvida a segurança ou a certeza da actividade científica, também aqui se constata a inevitabilidade de um pluralismo metodológico — neste caso metateórico — o que concorre para que, debaixo da designação de análise metateórica, se processem programas de investigação muito diferenciados no que respeita aos instrumentos, ao objecto e aos objectivos da análise. Respiquemos algumas das principais ideias de cada um dos capítulos que compõem o livro.

Adoptando uma perspectiva “meta-metateórica” o objectivo de George Ritzer no primeiro capítulo do livro é o de “explicar a maturidade recentemente atingida pela metateoria na Sociologia” (1992: 7). Irá desenvolver a sua argumentação em torno de três problemáticas: começa por interrogar-se sobre as razões pelas quais a metateoria atinge repentinamente grande importância, após várias tentativas promissoras mas falhadas nos primórdios da história da Sociologia para institucionalizar uma abordagem deste tipo; ao mesmo tempo, procura demonstrar a utilidade da análise metateórica; finalmente, avança algumas ideias relativamente ao futuro próximo da metateoria em Sociologia (p. 7). O estudo sistemático “da estrutura profunda da teoria sociológica”, embora possa ser dividido em várias modalidades, agrega-se, na óptica do autor, em torno de três tipos principais que visam, respectivamente, um melhor entendimento das teorias, a criação de novas teorias e a criação de uma perspectiva teórica mais abrangente/englobante (p. 22). Ritzer utiliza três conjuntos de factores para clarificar o desenvolvimento da metateorização em sociologia: factores internos à teoria sociológica, factores internos à metateorização sociológica e factores externos à teoria e à metateoria.

No que concerne aos “factores internos à teoria sociológica”, alude aos seguintes: “o volume cada vez mais esmagador da teoria contemporânea e clássica” (p. 9), que torna “cada vez mais difícil um estudo apenas ocasional da teoria sociológica”, sendo por isso “mais do que nunca necessários estudos aprofundados — por outras palavras, mais trabalho de metateorização” (p. 9); a constatação de que o trabalho de muitos teóricos é implicitamente metateórico; a sensação de crise na teoria sociológica; a partilha de pontos de vista entre a análise metateórica, o pós-modernismo e o desconstrucionismo; a atitude crítica perante as meta-narrativas; e, finalmente, o surgimento de uma nova geração de teóricos da sociologia durante os anos 80.

Em segundo lugar, encontram-se os factores "internos à metateoria", como sejam: o legado dos primeiros trabalhos explicitamente metateóricos (Parsons, Furfey e Gouldner) (p.12); a investigação em torno do estatuto paradigmático da sociologia; as problemáticas que decorrem da relação entre micro/macro e *agency/structure* e do debate entre positivismo e antipositivismo; e as críticas dirigidas à análise metateórica. As pesquisas realizadas em áreas como a História da Sociologia, a Sociologia do Conhecimento, a História das Ideias, a História da Ciência e o crescimento do interesse pela "meta-data-analysis" e pelos "meta-métodos" compõem um conjunto de factores externos à Teoria Sociológica e à Metateoria (p.16) que contribuem para a expansão desta última.

"Em tempos, a Sociologia pretendia ser uma ciência cumulativa" (p. 27): é assim que J. Alexander e P. Colomy iniciam o segundo capítulo, aceitando os desafios colocados por este desiderato. Nesse sentido, propõem um modelo post-positivista que identifica e explica os avanços e "recuos" do conhecimento sociológico (p. 28). Na sua proposta rejeitam as duas principais alternativas sobre a questão da acumulação do conhecimento: a hermenêutica e o positivismo. Sugerem que o seu modelo post-positivista leva em consideração a ideia de progresso científico sem, contudo, aceitar as posições insustentáveis de positivistas e anti-positivistas. Como referem, "a nossa perspectiva oferece como hipótese a possibilidade de haver "fundamentos epistemológica e até moralmente sólidos para que ocorra um avanço nas ciências sociais. Contudo, para que a solidez de tal concepção de progresso se mantenha, o positivismo terá de ser profundamente reconstruído, surgindo em seu lugar um novo modelo de desenvolvimento científico nas ciências sociais" (p. 46).

Walter Wallace inicia o capítulo 3, "Metatheory, conceptual standardization, and the future of sociology", com a exposição da sua concepção de metateoria, que define como "o estudo estritamente descritivo (e por vezes prescritivo) das teorias em si" (p. 53). Esta abordagem pode assumir duas formas básicas: "A metateoria sintética divide as teorias em duas ou mais categorias englobantes. A metateoria analítica decompõe cada teoria em dois ou mais componentes e distribui-os depois por categorias que representem vários tipos de pressupostos, de variáveis observáveis e de relações causais entre essas variáveis" (p. 53). Defendendo o modelo positivista rejeitado por Alexander e Colomy, nomeadamente no que respeita à

"acumulação de conhecimento sociológico", Wallace privilegia neste texto uma abordagem da metateoria analítica, expressando uma grande preocupação com a falta de uniformização conceptual da sociologia. Para o autor, "a chave para a acumulação sistemática do conhecimento é a *comunicação*" (p. 55). Mas o estabelecimento dessa comunicação necessita que os investigadores "aceitem não só um conjunto de conceitos que seja comum como também partilhem um conjunto de regras para relacionar esses conceitos — ou seja, é necessário que partilhem uma *linguagem* comum" (p. 55).

O capítulo 4, da autoria de E. Tiryakian, encontra-se dividido em duas partes. Na primeira, o autor elabora um sugestivo modelo de metateorização avançando com o argumento de que a metateorização "é, de algum modo, uma investigação radical" (p. 69), enquanto na segunda parte, após demonstrar as convergências e limitações dos paradigmas da "modernização" e do "sistema-mundo" na análise macro-sociológica, irá propor o que designa por paradigma da "neomodernização" (cf. 77 e ss.).

Perfilhando a perspectiva metateórica de Ritzer, R. Antonio e D. Kellner (capítulo 5, p. 90) vêem na teoria sociológica clássica uma importante fonte de inspiração para a construção de uma metateoria da modernidade social "de longo alcance". Partilham com J. Alexander e P. Colomy a rejeição das posições extremadas de positivistas e anti-positivistas e argumentam que as teorias clássicas da modernidade são alternativas a essas posições.

Joseph Berger, David Wagner e Morris Zelditch Jr., no capítulo 6, enveredam por uma perspectiva metateórica menos genérica do que as precedentes, a qual designam por "state organizing processes" (p. 107). Um dos aspectos interessantes do trabalho teórico em Sociologia passa pela tentativa de relacionamento entre a metateoria e a construção teórica. É preciso, segundo creem, esclarecer qual o papel da metateorização neste processo. Nesse sentido, irão focar aspectos particulares da metateoria (em vez de a considerarem como um todo), em ordem a fixar as unidades de análise metateóricas relevantes (p. 108). Como referem, "os sociólogos pensam também habitualmente que a metateoria é um trabalho que precede a construção da teoria. Contudo, iremos centrar-nos em ideias que se foram desenvolvendo ao longo do nosso trabalho de construção de teorias e que, por sua vez, modelaram a nossa reflexão. Com efeito, é um facto que certos elementos da

nossa orientação metateórica se alimentam do nosso trabalho de construção de uma teoria substantiva. Estes incluem a ideia de isolar processos sociais diferentes e, a partir deles, construir teorias abstractas e gerais; a ideia de testar e pôr em prática tais teorias; e a ideia de, tanto quanto possível, as formalizar. Para quase todos nós, estas ideias já existiam à partida e tiveram um papel muito relevante na forma do nosso trabalho" (p. 109).

Charles Lemert, no capítulo 7, "A teoria sociológica e aqueles que culturalmente a desprezam", defende veementemente a metateorização dos que a criticam, demonstrando que, não obstante os seus "ataques", eles não deixam também de se envolverem em processos de metateorização, nomeadamente ao estudarem e "construírem" teorias a partir do trabalho dos seus predecessores. Tendo o propósito de "teorizar a metateoria" (p. 135), Denna Weinstein e Michael Weinstein (capítulo 8) conduzem a sua argumentação na defesa dos laços que ligam a metateorização em sociologia ao pensamento pós-moderno. Distinguindo a análise metateórica da "filosofia sociológica" (p. 137) sustentam que tanto a metateorização como o pós-modernismo partilham uma abordagem "anti-fundacional", pois não está em causa o impor de uma orientação metateórica em Sociologia. Com efeito, as "perspectivas englobantes que os metateóricos produziram são, quanto muito, provisórias: muito mais do que as meta-narrativas permanentes produzidas pelos fundacionalistas" (p. 21).

No último capítulo, "Relativismo e reflexividade na sociologia do conhecimento científico", Stephan Fuchs relaciona a Sociologia do Conhecimento Científico ("SSK") com a metateoria através de questões como o "relativismo" e a "reflexividade" do trabalho científico.

Gostáramos de concluir com duas observações genéricas. O leitor deste livro gostaria de encontrar uma sistematização clara dos vários tipos de análise metateórica levados a cabo na Sociologia. Contudo, somos confrontados nesta obra com estudos de metateorização que se desenvolvem sobretudo em torno de problemáticas específicas, não se realizando uma discussão clara em torno da definição da Metateorização em Sociologia. Há que reconhecer, todavia, que o diálogo mais ou menos generalizado e mais ou menos explícito por parte dos vários autores com as definições de metateorização de George Ritzer (diálogo que não deixa dúvidas sobre a importância da obra

do autor nesta área de investigação) aponta já para uma primeira tentativa de definir o quadro dessa discussão.

Por outro lado, é fácil entender que, não sendo a mesma coisa produzir teoria por exemplo, nos Estados Unidos e em Inglaterra ou em Portugal, muito menos o será produzir análises metateóricas. Num momento como o actual, caracterizado por tendências societais e teóricas contraditórias, a actividade teórica não é nem anódina nem pouco complexa. Produzimos, organizamos e transmitimos um certo saber num certo ponto espacial, num certo momento histórico e com um certo feixe de preocupações. Neste contexto, é, pois, argumentável que a noção de "semiperiferia" não é somente um conceito substantivo, mas também um potente instrumento de análise metateórica. Se é desejável o desenvolvimento de um cosmopolitismo teórico, é fundamental que este seja sobretudo crítico. Do nosso ponto de vista, é para esta perspectiva crítica que a análise metateórica pode contribuir, incentivando a "autoconsciência teórica" e aprofundando o desafio matricial da nossa imaginação sociológica: "em condições de aceleração da história como as que hoje vivemos é possível pôr a realidade no seu lugar sem correr o risco de criar conceitos e teorias fora do lugar?" (Santos, 1994: 24).

Referências bibliográficas

- Bernstein, R. (1976), *The Restructuring of Social and Political Thought*. Oxford, Basil Blackwell.
- Collins, R. (1986), "Is 1980s' Sociology in the Doldrums?", *American Journal of Sociology* 91: 1336-55.
- Gouldner, A. (1970), *The Coming Crisis of Western Sociology*. New York, Basic Books.
- Ritzer, G. (1990), *Metatheorizing in Sociology*. Lexington, Mass., Lexington Books.
- Ritzer, G. (1991), "Metatheorizing in Sociology", *Sociological Forum*, 5: 3-15.
- Ritzer, G. (1992a), *Sociological Theory*. New York, MacGraw-Hill.
- Santos, Boaventura de Sousa (1994), *Pela Mão de Alice*. Porto, Afrontamento.
- Skocpol, T. (1986), "The Dead End of Metatheory", *Contemporary Sociology*, 16: 10-12.
- Turner, J. (1985), "In Defense of Positivism", *Sociological Theory*, 3: 24-30.